

MULHERES EM MARCHA: O CANTO DAS MARGARIDAS QUE NÃO CESSAM DE LUTAR

WOMEN ON THE MOVE: THE SONG OF THE DAISIES, WOMEN WHO NEVER STOP FIGHTING

MUJERES EN MARCHA: EL CANTO DE LAS MARGARITAS QUE NO CESAN DE LUCHAR

RESUMO

Este artigo aborda o “Canto das Margaridas”, entoado na 7ª Marcha das Margaridas de 2023, importante movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Brasil. Ao longo dos anos, essas marchas se consolidaram como fundamental meio de expressar demandas relacionadas a gênero, terra, trabalho e justiça socioambiental. O movimento busca promover condições mais justas para as mulheres rurais, ampliando suas causas com o uso das músicas e dos gritos de alerta. Analisa-se o “Canto das Margaridas” como uma forma de denunciar questões e desafios enfrentados pelas participantes em sua busca por uma sociedade mais equitativa e sustentável. Para isso, utiliza-se uma abordagem qualitativa, e fundamentados nos aportes de Pêcheux e Maingueneau recorreu-se a análise do discurso dos versos entoados. Para enriquecer essa análise, o artigo dialoga com teóricas como Bell Hooks, Angela Davis, Judith Butler, além de Franz Fanon e Paulo Freire. Essas perspectivas teóricas fornecem uma base crítica para compreender as interseções entre gênero, raça, classe e colonialismo, assim como as pedagogias emancipadoras e críticas que informam a luta das mulheres trabalhadoras rurais nas marchas. A análise destaca a luta por políticas públicas agrárias, com ênfase na questão de gênero, ressaltando sua relevância nas discussões realizadas no Congresso Brasileiro em 2023.

Palavras-chave: Feminismo popular camponês. Manifestações. Resistência. Políticas públicas. Marcha das Margaridas.

ABSTRACT

This article addresses the “Song of the Daisies”, sung at the 7th March of the Daisies of 2023, an important movement of women rural workers in Brazil. Over the years, these marches have consolidated themselves as a fundamental means of expressing demands related to gender, land, work, and socio-environmental justice. The movement seeks to promote fairer conditions for rural women, expanding their causes with the use

Simone Teles da Silva Santos

Doutoranda pela Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciência Sociais, Juazeiro – Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7016-1163>. E-mail: telessilva3doc@gmail.com

Anna Christina Freire Barbosa

Professora. Dr^a. da Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciência Sociais, Juazeiro – Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5307-0828>. E-mail: acbarbosa@uneb.br

Carlos Alberto Batista dos Santos

Professor. Dr. da Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciência Sociais, Juazeiro – Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>. E-mail: cabsantos@uneb.br

of songs and shouts of warning. The “Song of the Daisies” is analyzed as a way to denounce issues and challenges faced by the participants in their search for a more equitable and sustainable society. For this, a qualitative approach is used, and, based on the contributions of Pêcheux and Maingueneau, the discourse analysis of the verses chanted was applied. To enrich this analysis, the article dialogues with theorists such as bell hooks, Angela Davis, Judith Butler, as well as Franz Fanon and Paulo Freire. These theoretical perspectives provide a critical basis for understanding the intersections between gender, race, class, and colonialism, as well as the emancipatory and critical pedagogies that inform the struggle of women farmworkers in the marches. The analysis highlights the struggle for agrarian public policies, with an emphasis on the gender issue, highlighting its relevance in the discussions held in the Brazilian Congress in 2023.

Keywords: Popular peasant feminism. Manifestations. Resistance. Public policy. March of the Margaridas.

RESUMEN

Este artículo aborda el “Canto de las Margaritas”, cantado en la 7ª Marcha de las Margaritas de 2023, un importante movimiento de mujeres trabajadoras rurales en Brasil. A lo largo de los años, estas marchas se han consolidado como un medio fundamental para expresar demandas relacionadas con el género, la tierra, el trabajo y la justicia socioambiental. El movimiento busca promover condiciones más justas para las mujeres rurales, ampliando sus causas con el uso de cantos y gritos de advertencia. El “Canto de las Margaritas” se analiza como una forma de denunciar los problemas y desafíos que enfrentan los participantes en su búsqueda de una sociedad más equitativa y sostenible. Para ello, se utiliza un enfoque cualitativo y, a partir de los aportes de Pêcheux y Maingueneau, se utilizó el análisis discursivo de los versos cantados. Para enriquecer este análisis, el artículo dialoga con teóricos como Bell Hooks, Angela Davis, Judith Butler, así como Franz Fanon y Paulo Freire. Estas perspectivas teóricas proporcionan una base crítica para comprender las intersecciones entre género, raza, clase y colonialismo, así como las pedagogías emancipatorias y críticas que informan la lucha de las mujeres trabajadoras agrícolas en las marchas. El análisis destaca la lucha por políticas públicas agrarias, con énfasis en la cuestión de género, destacando su relevancia en las discusiones mantenidas en el Congreso brasileño en 2023.

Palabras clave: Feminismo popular campesino. Manifestaciones. Resistencia. Políticas públicas. Marcha de las Margaridas.

Introdução

No cenário político e social do Brasil, a música tem sido uma ferramenta poderosa, servindo como um espelho da sociedade, refletindo demandas e descontentamentos, além de desempenhar, desde sempre, um papel significativo na expressão das aspirações nacionais. Podemos citar alguns exemplos, como: “Pra não dizer que não falei das flores”

(Tatiana dos Santos MALHEIROS, 2020; UNASP, 2014), uma canção emblemática da ditadura militar brasileira dos anos 1960, interpretada por Geraldo Vandré no Festival Internacional da Canção em 1968, que se tornou um hino da resistência contra o regime militar, conclamando as pessoas a não se calarem diante da opressão; “Apesar de Você”, de Chico Buarque (Gabriela MOURA; Maria Virgínia AMARAL; Sóstenes Ericson SILVA, 2021; UNASP, 2014), que, utilizando linguagem poética, expressa seu descontentamento com o governo; e “Povo Novo”, dos Novos Baianos, inspirada por uma declaração de Darcy Ribeiro (1995) sobre a miscigenação, que celebra a juventude e a esperança de um Brasil melhor, representando o desejo de mudança de uma geração (UNASP, 2014).

Seguindo essa efervescência, o Canto das Margaridas celebra uma “Brasília Florida”, que retrata a flor da resistência, resiliência e determinação das Margaridas. “O que faz da palavra uma palavra é sua significação” (Mikhail BAKHTIN, 1997, p.49). “É o querer, e o querer das Margaridas” é notável, como salientou Paulo Freire (2013), ao afirmar que as pessoas se tornam educadoras pela prática de vida.

Essas mulheres não se limitam a dedicar-se arduamente para alimentar o país; vão além, engajando-se na luta por justiça e igualdade, ressoando nas palavras de Frantz Fanon (1968, p. 193), quando afirmou que “a resistência é a única maneira de restaurar a dignidade humana”. Com base nessas premissas, que possibilitam o engajamento, é na voz das Margaridas que se ressalta o abandono das políticas públicas voltadas para a reforma agrária, a agricultura familiar e o reconhecimento das propostas levadas à pauta durante as marchas realizadas. As palavras e versos presentes na canção são convocações à ação, um alerta para expor as condições precárias em que muitas Margaridas vivem, instigando a sociedade a apoiá-las em sua luta por melhores condições de vida e por um país mais justo, como propôs Darcy Ribeiro (1995) em sua visão de um Brasil igualitário.

As canções mencionadas neste artigo são exemplos de como os artistas brasileiros têm usado suas vozes e seu talento musical para destacar temas como a igualdade de gênero, a reforma agrária e a justiça social. Nesse sentido, questiona-se como “o Canto das Margaridas” pode entusiasmar a sociedade para se engajar em discussões sociais e políticas, influenciando a consciência pública e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática?

As “mulheres trabalhadoras rurais” (Sara Deolinda Cardoso PIMENTA, 2013), conhecidas como “Margaridas” em homenagem à saudosa trabalhadora rural e sindicalista brasileira Margarida Maria Alves¹, vêm exercendo uma função significativa no cenário agrícola brasileiro (Marco Antonio TEIXEIRA, 2021), pois atuam fundamentalmente

¹ Margarida Maria Alves foi uma trabalhadora rural e líder sindical que marcou a história do movimento trabalhista no Brasil. Aos 40 anos, casada e mãe de dois filhos, ela desafiou as normas de gênero ao presidir o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, por 12 anos. Margarida incentivava os trabalhadores rurais a buscarem na justiça a garantia de seus direitos trabalhistas. Infelizmente, sua luta incansável pelos direitos dos trabalhadores resultou em seu trágico assassinato em 12 de agosto de 1983, na porta de sua casa, na presença de seu marido e filho, por um matador de aluguel. Em homenagem à sua coragem e dedicação, as Marchas das Margaridas, um movimento de mulheres trabalhadoras rurais, recebeu seu nome, perpetuando seu legado de luta e resistência. (Aguiar, 2016; Teixeira, 2021).

na produção de alimentos e no sustento de suas famílias (IBGE, 2020). Judith Butler (2018) destaca a importância da igualdade de gênero e do empoderamento, ressaltando a interconexão entre esses dois conceitos fundamentais, “a luta das Margaridas é um exemplo notável de como as mulheres rurais têm buscado sua emancipação e igualdade de gênero, desafiando estereótipos e conquistando seu espaço no campo” (TEIXEIRA, 2021, p. 3).

Diante disso, o presente artigo busca analisar o Canto das Margaridas, executado durante a 7ª Marcha das Margaridas de 2023 (CONTAG, 2023c), tendo como ponto de partida seu verso inicial “Olha Brasília está florida”, que exemplifica essa tradição ao capturar a essência do movimento – mulheres trabalhadoras rurais que lutam por políticas voltadas ao fortalecimento da agricultura. Esse canto, composto pelo grupo Loucas de Pedra Lilás, ganhou destaque durante a Marcha daquele ano, sendo reconhecido como um dos maiores movimentos de mulheres da América Latina. Neste artigo, tomamos como base a Análise de Discurso Francesa (ADF) de Michel Pêcheux (1995) e Dominique Maingueneau, (2008) para interpretar os principais temas e mensagens presentes na canção, destacando como ela se tornou um hino de resistência, esperança e um grito de chamada à ação.

Percurso Metodológico

Quando se trata de compreender contextos poéticos, sociais, históricos e outros, recorreremos à Análise do Discurso Francesa para obter uma compreensão mais aprofundada. Baseados nas contribuições de Michel Pêcheux (1995) e Dominique Maingueneau, (2008) exploramos as delimitações e conceitos relacionados às complexidades das formações presentes na ideologia discursiva. Essa técnica de Análise do Discurso confere significado às expressões, considerando as determinações e concepções que as permeiam. Assim, materializamos em discurso aquilo que faz sentido em um contexto igualitário, cultural, político, histórico, entre outros (Pêcheux, 1995; Maingueneau, 2008).

Essa abordagem tem como objetivo identificar e compreender os significados subjacentes em textos, discursos, imagens ou outros tipos de material comunicativo. A metodologia empregada neste estudo envolve a análise dos “fragmentos do Canto das Margaridas” (Vilena Venâncio Porto AGUIAR, 2015, p. 252), intitulado “Olha Brasília está florida” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01), referindo-se à observação e interpretação dos elementos textuais presentes nos fragmentos, com foco na identificação e compreensão das mensagens relacionadas à defesa dos territórios, à agroecologia e à garantia de direitos. Esse processo analítico visa aprofundar nossa compreensão dos temas abordados nesse texto musical.

Para aprofundar essa análise, o artigo interage com teorias de Bell Hooks, Angela Davis e Judith Butler, assim como de pensadores como Franz Fanon e Paulo Freire. Essas perspectivas teóricas fornecem uma base crítica essencial para entender as interseções

entre gênero, raça, classe e colonialismo, além das pedagogias emancipadoras e críticas que orientam a luta das mulheres trabalhadoras rurais nas marchas.

Contexto da Marcha das Margaridas: Um Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais no Brasil

A Marcha das Margaridas é um evento quadrienal que reúne mulheres do campo, da floresta e das águas para lutar por direitos e por um Brasil mais igualitário (PIMENTA, 2013; AGUIAR, 2016). A primeira marcha ocorreu em 2000 e, desde então, tem sido um espaço de grande relevância para dar voz e visibilidade às demandas das trabalhadoras rurais, destacando questões como igualdade de gênero, acesso à terra, saúde, educação e justiça social (Andrea Lorena Butto ZARZAR, 2017). As Marchas das Margaridas são fenômenos marcantes na história das lutas sociais no Brasil. O nome “Margaridas” é um tributo a “Margarida Maria Alves, uma líder sindical assassinada em 1983” que se tornou um ícone da luta das mulheres no campo (TEIXEIRA, 2021).

A Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG, 2023a), publicou a cartilha “Pautas: Marcha das Margaridas 2023”, onde são relatadas as raízes do movimento das Margaridas nas lutas sindicais do campo, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando as mulheres rurais começaram a se organizar para reivindicar seus direitos trabalhistas e melhores condições de vida.

No entanto, foi somente em 2000 que ocorreu a primeira Marcha das Margaridas em Brasília, reunindo cerca de 20 mil mulheres. A partir dessa data, as marchas têm se consolidado como um campo de articulação política e social das mulheres rurais. A cada edição, elas crescem em tamanho e visibilidade, com participação ativa nos debates no Congresso Nacional brasileiro e na articulação de mulheres, trazendo demandas que vão desde a igualdade de gênero até a reforma agrária e a justiça socioambiental. Para a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, este é um espaço articulatório privilegiado, composto por lideranças — coordenadoras estaduais de mulheres de cada uma das federações ligadas à CONTAG, conforme descrito:

A CONTAG realiza um amplo processo de construção de sua plataforma política através de reuniões com a Coordenação Ampliada da Marcha - responsável por debater nos movimentos parceiros, nas Federações, sindicatos e comunidades rurais os pontos que integram sua plataforma política (CONTAG, 2019, p. 4).

A Marcha das Margaridas, no ano de 2023, apresentou uma série de demandas interconectadas em 13 eixos (CONTAG, 2023b), dentre os quais destacamos as seguintes temáticas:

- **Igualdade de Gênero:** A luta contra a discriminação de gênero no campo e o reconhecimento do papel fundamental das mulheres na agricultura.
- **Reforma Agrária:** A reivindicação por uma reforma agrária efetiva que promova a distribuição justa de terras e recursos para as famílias rurais.
- **Direitos Trabalhistas:** A busca por condições de trabalho digno, salários justos e segurança no trabalho para as trabalhadoras rurais.
- **Justiça Socioambiental:** A conscientização crescente sobre questões ambientais e a necessidade de práticas agrícolas sustentáveis.

Segundo Carneiro Filho e Costa (2016 *apud* Julianna MALERBA, 2023, p. 24), foi nos estados nordestinos do Maranhão e da Bahia, entre 2019 e 2023, que ocorreu um aumento nos conflitos pela posse de terras, os quais deixaram evidências inequívocas da destruição da “vegetação nativa do Cerrado, nos chapadões que cobrem o Oeste da Bahia, Sul do Piauí e do Maranhão”. Esse crime ambiental tem sido provocado “para dar lugar à ampliação da área de soja” (CARNEIRO FILHO; COSTA, 2016 *apud* MALERBA, 2023, p. 24).

A luta pelos direitos no campo e na cidade sugere a agroecologia como forma de resistência, tanto no trabalho quanto na cultura alimentar, ressaltando a soberania e a alimentação de ‘verdade’ na mesa de todos, como um direito igualitário para todos os povos. Esse direito à alimentação desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade de gênero e na construção de novas subjetividades femininas, conforme Freire (2013) destaca em seus escritos quando trata sobre a luta por justiça social. Seguindo essa perspectiva, as Margaridas são agentes de mudança na busca por essa justiça social, desempenhando um papel importantíssimo na agricultura brasileira, e sua luta abrange várias áreas importantes, principalmente contra a exploração no trabalho rural, a desigualdade econômica e a exclusão social no meio rural.

Movimento de Mulheres Trabalhadoras: o chamado à ação e um alerta para os desafios sociais

Uma das principais frentes de atuação das Margaridas é a luta pela igualdade de gênero no campo. As mulheres rurais enfrentam desafios significativos, incluindo a discriminação, a falta de acesso à terra e aos recursos agrícolas, bem como a sobrecarga de trabalho. Pesquisas apontadas por Maria Clara Guaraldo (2020) demonstram que as mulheres gerenciam aproximadamente 30 milhões de hectares, o que representa somente 8,5% da área total ocupada pelos estabelecimentos rurais no Brasil. Entre todos os estabelecimentos identificados pelo Censo Agropecuário 2017, que somam 5,07 milhões, apenas 19% pertencem a mulheres, enquanto os homens são proprietários de 81%. Elas dispõem de menos acesso a tecnologias, crédito agrícola, renda e saúde. Essa desigualdade limita sua autonomia financeira e qualidade de vida, tornando-as dependentes dos detentores de terras (Priscila SOUZA; Amanda de ALBUQUERQUE, 2023).

Teixeira e colaboradoras (2021) apontam, no entanto, que as Margaridas têm se organizado em sindicatos e movimentos sociais para combater essas desigualdades e garantir que suas vozes sejam ouvidas, uma vez que o direito à igualdade de gênero está estabelecido na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, representando um marco fundamental na promoção da equidade entre homens e mulheres no país. Esse princípio constitucional reflete o compromisso do Estado brasileiro em combater a discriminação de gênero e promover a inclusão de todas as pessoas, independentemente de seu sexo (art. 5º, incisos I e IV). Apesar dos avanços legais, os desafios persistem na efetivação do direito à igualdade de gênero no Brasil, pois ainda há uma disparidade significativa entre homens e mulheres em termos de remuneração, representação política, acesso à educação e saúde, além dos altos índices de violência de gênero contra as mulheres.

Outro pilar importante da luta das Margaridas é a demanda por uma reforma agrária efetiva, já que a centralização de terras no Brasil é um problema histórico que contribui para a pobreza e a falta de oportunidades no campo. Teixeira *et al.* (2021) destacam que as Margaridas têm compelido o governo e a sociedade civil por políticas que promovam a distribuição de terras e recursos de forma mais equitativa, permitindo o acesso das famílias rurais a uma vida digna.

Além disso, Anna Christina Freire Barbosa e Glaucia Rejane da Costa (2021), e Emma Siliprandi (2021) destacam o uso da caderneta agroecológica como uma ferramenta importante para documentar e reconhecer as contribuições femininas, muitas vezes subestimadas, nas comunidades rurais. Essa caderneta não é apenas uma ferramenta de registro, mas também “um instrumento de empoderamento e autonomia” (Laeticia JALIL *et al.*, 2021, p. 21), pois, ao reconhecer e valorizar a participação das mulheres, contribui para a construção de novas subjetividades femininas, desafiando as normas sociais tradicionais baseadas na “reprodução social capitalista” que se fundamenta na necessidade da “invisibilidade do nexo entre produção e reprodução, a qual torna invisível o trabalho das mulheres na agricultura”, especialmente das moradoras nas áreas rurais (Míriam NOBRE, 2021, p. 36). Assim, a caderneta é uma ferramenta de sistematização da vida e do trabalho das trabalhadoras rurais, permitindo organizar e controlar os bens de produção e consumo, servindo como suporte, assessoria e/ou orientação às agricultoras sobre como organizar suas funções e a vida no trabalho (Luciana Medeiros ALVES *et al.*, 2018).

As Margaridas também se envolvem em questões mais amplas de justiça social. Segundo Teixeira *et al.* (2021), elas participam ativamente de movimentos em defesa dos direitos trabalhistas, da educação de qualidade no campo, do acesso à saúde e à alimentação saudável. Sua atuação transcende as fronteiras rurais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária, justa e inclusiva. Assim, a Marcha das Margaridas representa um evento significativo, que aborda tanto os direitos das mulheres no campo quanto questões de justiça social e igualdade de gênero.

Autores como Bell Hooks (2000), Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019), Maria da Glória Gohn (2016), Paulo Freire (2013), Angela Davis (2016), Frantz Fanon (1968), entre outros, oferecem contribuições valiosas para compreendermos a

importância dessa marcha e suas conexões com temas mais amplos, assim como para um olhar sobre o “Canto das Margaridas”. A descrição no verso “Olha Brasília está florida” ecoa como um chamado à ação e um alerta para os desafios enfrentados pelas trabalhadoras rurais, as Margaridas, e pode ser relacionada a conceitos e pensamentos de diversos autores.

Paulo Freire (2013) defende a importância da conscientização e da ação coletiva para a transformação social, enfatizando a necessidade de despertar a consciência das pessoas para as injustiças sociais e incentivá-las a lutar por mudanças. Ângela Davis (2016), professora, filósofa e ativista, abordou a resiliência das comunidades marginalizadas, argumentando que as pessoas oprimidas frequentemente demonstram incrível resiliência e determinação ao lutar por seus direitos e justiça. Frantz Fanon (1968), em seu livro “Os Condenados da Terra”, aborda a luta pela libertação e igualdade, descrevendo a necessidade de um engajamento ativo na busca por uma sociedade mais justa, na qual as diferenças sejam eliminadas. A combinação dos pensamentos desses autores apenas ressalta que a mensagem do Canto das Margaridas é uma demonstração de resiliência das trabalhadoras rurais e sua busca por justiça e igualdade em meio às adversidades enfrentadas na produção de seus meios de subsistência.

Feminismo popular camponês, “O Canto das Margaridas”: um grito por mudanças

O Canto das Margaridas
Olha Brasília está florida
Estão chegando as decididas
Olha Brasília está florida
É o querer, é o querer das Margaridas

Somos de todos os novelos
De todo tipo de cabelo
Grandes, miúdas, bem erguidas
Somos nós as Margaridas

Nós que vem sempre suando
Este país alimentando
Tamos aquí para relembrar
Este país tem que mudar!

Olha Brasília está florida...
Água limpa sem privar
Sede de todos acalmar
Casa justa pra crescer,
Casa justa pra crescer
Saúde antes de adoecer

Terra sadia pra lucrar
Canja na mesa no jantar
Um mínimo para se ter,
Um mínimo para se ter
Direito à paz e ao prazer

E dentro e fora punição
Pra quem abusa do bastão
Do ser patrão, do ser machão
Não pode não, não pode não
Não pode não, não pode não!

Olha Brasília está florida ...
É o querer, é o querer das Margaridas!
É o querer, é o querer das Margaridas!
(LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01).

Democracia em Flor

A referência à cidade de Brasília florescendo é uma metáfora para a esperança que surge quando a democracia se desenvolve. Brasília, como capital do Brasil, é frequentemente vista como um centro de poder e decisões políticas. Logo, a imagem dela “florida” pode ser interpretada como um sinal de que o país está florescendo em termos de democracia, direitos humanos e justiça.

A Flor da Resistência

“Olha Brasília está florida” evoca uma imagem de Brasília florescendo, mas não é uma celebração comum da natureza. É um chamado à ação, um alerta para os desafios enfrentados pelas Margaridas, trabalhadoras rurais que desempenham um papel vital na produção de alimentos, mas que muitas vezes vivem em condições precárias (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01). Ao se pensar nas ideias de Bell Hooks (2000 *apud* AGUIAR, 2015, p. 409) sobre o feminismo interseccional, “a Marcha das Margaridas” mostra-se ser um exemplo notável de como as mulheres rurais, muitas vezes enfrentando múltiplas formas de opressão, unem-se para lutar por seus direitos. O evento, então, reconhece que a igualdade de gênero no campo não pode ser alcançada sem abordar questões interseccionais, como o racismo e a desigualdade econômica.

O verso “Olha Brasília está florida” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) convida à reflexão sobre a ideia de que a resistência também pode ser bela. Essa imagem se relaciona com a noção de que as mulheres, consideradas flores, podem resistir diante de trabalhos árduos e braçais, enfrentando as intempéries do clima no campo. As trabalhadoras rurais destacam, assim, a importância de seu papel na

produção de alimentos. Como disse o poeta Ferreira Gullar (2004, p.335): “A poesia é um ato de resistência” (Silvana Maria Pantoja dos SANTOS, 2018). Não é sem motivo que o canto (toar)² destaca a resiliência e a determinação das Margaridas, que vêm “sempre suando” para alimentar o país. Elas não apenas trabalham incansavelmente na produção de alimentos, mas também almejam um país que contemple os diversos povos e modos de trabalho no campo por meio de políticas públicas.

O canto ecoa o chamado à justiça social. Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) argumentam que a justiça social envolve tanto a redistribuição (equidade econômica) quanto o reconhecimento (igualdade de reconhecimento social). A Marcha das Margaridas se relaciona a esses dois aspectos, pois as mulheres rurais frequentemente enfrentam desigualdades econômicas significativas, incluindo acesso limitado à terra e a recursos essenciais, como educação, crédito agrícola e tecnologia. Essa compreensão mais ampla da opressão é fundamental para a luta das Margaridas, pois permite uma abordagem mais inclusiva e eficaz na promoção da justiça social. A marcha luta por uma redistribuição mais equitativa desses recursos, chamando a atenção para as lutas das mulheres rurais e oportunizando o reconhecimento de suas contribuições para a sociedade, bem como a valorização de suas vozes e identidades.

Resiliência e Determinação das Margaridas

Este ponto da canção enfatiza a expressão de apoio e as demandas por direitos e justiça social. A referência a “Margaridas” está diretamente ligada ao Movimento das Margaridas. O canto que traz o verso inicial, “Olha Brasília está florida”, é uma expressão artística carregada de significado e poder, composta por Margaridas, mulheres decididas que lutam por justiça social, igualdade e direitos humanos. A música transcende sua melodia e letras cativantes, servindo como um hino de esperança e um chamado para a mudança em uma nação que anseia por uma transformação profunda e inclusiva.

Gohn (2016), em seu estudo sobre movimentos sociais e participação política, nos leva a pensar na Marcha das Margaridas como um exemplo análogo de participação social ativa e mobilização política. A marcha demonstra como as mulheres rurais estão se organizando coletivamente para reivindicar seus direitos e influenciar políticas públicas. Esse tipo de mobilização é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Quanto a isso, autoras como Bell Hooks (2000), Maria da Glória Gohn (2016) e Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019) nos ajudam a compreender a Marcha das Margaridas como um evento que aborda questões de gênero, classe, raça e justiça social, além de destacar seu papel na participação social e empoderamento das mulheres rurais. Todas essas autoras permitem depreender o fato de que a Marcha das Margaridas não é apenas uma manifestação, mas também um meio de empoderamento

² No sentido de “soar fortemente, dar som forte, estrondear/criticar” (Dicionário Priberam, 2023).

para as mulheres rurais, já que ela fornece um espaço onde essas mulheres podem se expressar, se unir e se fortalecer. Isso está alinhado com a ideia de que o feminismo não é apenas sobre igualdade de gênero, mas também sobre capacitar as mulheres para que se tornem agentes ativas na transformação social (BUTLER, 2018).

Por isso, a letra da canção aqui analisada é um protesto, um hino que celebra a luta das Margaridas por direitos e justiça em Brasília, o que nos leva a continuar analisando alguns dos principais elementos e mensagens presentes em sua letra: “Estão chegando as decididas” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01). Esse verso apresenta pessoas determinadas e comprometidas que estão se unindo para lutar por direitos, mulheres vindas de todos os cantos da terra, das águas e do campo, determinadas a realizar mudanças.

Vale ressaltar que a Marcha das Margaridas é um movimento social que surgiu no Brasil e se espalhou por outros países da América Latina, constituindo uma manifestação singular de resistência e luta, além de um exemplo notável de mobilização feminista que busca a equidade de gênero, justiça social e o fortalecimento das mulheres rurais e trabalhadoras do campo. “É o querer, é o querer das Margaridas” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) é uma metáfora para o reconhecimento das mulheres, pessoas comuns e trabalhadoras do país, que desejam mudanças positivas e melhorias na sociedade.

A filósofa Bell Hooks (2000), conhecida por sua análise crítica das interseções de raça, gênero e classe, oferece um contexto importante para entender a Marcha das Margaridas. Ela argumenta que o feminismo deve ser interseccional, ou seja, deve considerar as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam. Ao reconhecer as adversidades enfrentadas pelas mulheres rurais, como discriminação de gênero, racismo e desigualdade econômica, essa compreensão mais ampla da opressão é fundamental para a luta das Margaridas, pois permite uma abordagem mais inclusiva e eficaz para a promoção da justiça.

“Somos de todos os cabelos, de todo tipo de cabelo” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01). O verso convida à reflexão sobre a diversidade e a inclusão de todas as mulheres, independentemente de sua origem ou características. Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) contribuem para essa discussão ao destacar a importância da justiça distributiva e da justiça de reconhecimento, argumentando que a luta por igualdade deve abordar tanto a distribuição de recursos quanto o reconhecimento da identidade e dignidade das pessoas. Nesse sentido, ao buscar não apenas melhorias, mas também ao abraçar essa perspectiva, a Marcha das Margaridas se destaca na luta por melhores condições econômicas para as trabalhadoras rurais, bem como pelo reconhecimento de seu papel essencial na sociedade e na economia – uma abordagem ampla da justiça, fundamental para uma transformação social duradoura.

“Grandes, miúdas, bem erguidas” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) enfatiza a variedade de aparências e características físicas das pessoas envolvidas, não importando elas serem altas, baixas ou com menor vigor físico: todas mantêm uma postura ereta, confiantes e decididas; todas lutam por um mesmo objetivo de melhorias nas condições de trabalho, acesso à terra e educação, por meio da solidariedade e da

ação conjunta. Outro trecho, “Tamos aqui para relembrar, este país tem que mudar!”, reforça o chamado à ação, sugerindo a necessidade de um esforço coletivo para trazer mudanças positivas ao país. Nesse contexto, Gohn (2016) apresenta uma visão pragmática da Marcha das Margaridas ao analisar o papel das mobilizações populares na construção de uma sociedade mais justa. A autora destaca a importância da organização e da ação coletiva como meios de empoderamento e transformação social.

“Água limpa sem privar, sede de todos acalmar, casa justa pra crescer” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01). Esses versos enfatizam a importância do acesso a recursos básicos, como água limpa, para diversas atividades, referindo-se à necessidade de acesso universal à água potável para o consumo humano, um direito fundamental. Além disso, destacam a importância de se ter um lugar adequado para viver, refletindo a necessidade de habitação digna e justa para todos, promovendo o bem-estar da população.

Destacamos ainda: “Saúde antes de adoecer, terra sadia pra lucrar” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01). Aqui, a letra menciona a necessidade de priorizar a saúde e o meio ambiente antes dos lucros, enfatizando a prevenção e o acesso a cuidados básicos para evitar doenças. A “terra sadia pra lucrar” é um chamado para cuidar do que é natural, apontando para práticas sustentáveis e responsáveis em relação ao meio ambiente, denunciando o uso de agrotóxicos que degradam o solo e comprometem as condições de uma alimentação saudável no planeta.

A referência à “canja na mesa no jantar” e a “um mínimo para se ter” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) destaca a importância de garantir que todos tenham acesso a uma alimentação de qualidade. Esse verso se refere a condições dignas de trabalho e alimentação adequada, respeitando a soberania alimentar dos povos tradicionais e a cultura de todos os povos, além de enfatizar o cuidado com a terra, o manejo adequado do solo e o combate ao uso de insumos químicos na produção de alimentos.

Além disso, a menção a “um mínimo para se ter” e o direito “à paz e ao prazer” pode ser interpretada como uma demanda por igualdade de gênero e pelo fim da violência e opressão contra as mulheres. Isso sugere a urgência de garantir um padrão mínimo de vida para todos, com direito à paz e ao prazer, ressaltando os direitos humanos fundamentais que têm sido destacados aqui.

Os movimentos sociais contemporâneos representam uma renovação nas lutas sociais, politizando demandas socioeconômicas e políticas que se concentram em questões da vida cotidiana, como emprego, finanças, salários e serviços sociais, muitas vezes operando independentemente de estruturas partidárias (GOHN, 2016, p. 507).

Nesse contexto, o verso “E dentro e fora punição pra quem abusa do bastão do ser patrão, do ser machão” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) critica os abusos de poder e a masculinidade tóxica, sugerindo a necessidade de responsabilização e punição para aqueles que abusam de sua autoridade, sinalizando a urgência da justiça social. A letra também reivindica melhores condições de trabalho, incluindo salários justos, saúde e segurança, e o fim do abuso por parte dos empregadores. O verso “Não

pode não, não pode não!” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) reforça esse apelo por mudança e a rejeição de comportamentos prejudiciais.

“Olha Brasília está florida... / É o querer, é o querer das Margaridas!” (LOUCAS DE PEDRA LILÁS, 2023, p. 01) – esses versos encerram a canção com a ideia de que Brasília está florescendo devido ao desejo e à luta das Margaridas por mudanças e justiça. No âmbito da Marcha das Margaridas, a interseccionalidade proposta por Hooks (2000), a justiça de distribuição defendida por Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) e a ação coletiva promovida por Gohn (2016) se entrelaçam. O movimento reconhece que as mulheres rurais enfrentam desafios complexos que vão além das questões de gênero e que a transformação real exige uma abordagem holística, pois as Margaridas são um exemplo inspirador de como as mulheres podem se unir, enfrentar adversidades e lutar por um mundo mais justo e igualitário.

Políticas públicas, desafios e conquistas: luta por um país mais justo e igualitário

As Marchas das Margaridas enfrentam desafios significativos, como resistência política, falta de recursos e a constante necessidade de conscientizar o público. Apesar dessas adversidades, alcançaram resultados notáveis, influenciando políticas públicas, ampliando a visibilidade das questões do campo e fortalecendo a solidariedade entre as mulheres que vivem nessa realidade. Seu impacto na agenda política e na sensibilização sobre as demandas das trabalhadoras e questões de gênero no Brasil é evidente, resultando na formulação de políticas mais inclusivas e em debates cruciais sobre desenvolvimento e justiça social. Além disso, o movimento das Margaridas inspirou outras mobilizações de mulheres e grupos sociais, promovendo a união em torno dos problemas que afetam essas comunidades e suas trabalhadoras (CONTAG, 2023c).

As mulheres trabalhadoras rurais, personificadas pelas Margaridas, são um exemplo inspirador e desempenham um papel de extrema relevância na construção de um país mais justo. Sua dedicação à igualdade de gênero, à reforma agrária e à justiça social é um testemunho da resiliência e determinação das mulheres brasileiras no campo. A Marcha das Margaridas é uma manifestação de resistência baseada em princípios feministas, que desafiam não apenas as desigualdades estruturais, mas também demonstram como a solidariedade, a ação coletiva e a interseccionalidade podem ser ferramentas poderosas na busca por um mundo mais inclusivo. Assim, a Marcha serve como um lembrete de que a luta por justiça e igualdade continua a ser uma força transformadora na sociedade contemporânea.

Como um movimento que abrange questões de gênero, terra, trabalho e meio ambiente, as Margaridas têm o potencial de impactar positivamente não apenas a vida das mulheres rurais, mas também a sociedade como um todo. Sua luta persistente e inspiradora é uma poderosa ferramenta de mobilização social na busca por um futuro mais justo e igualitário.

Percebe-se, então, que o “Canto das Margaridas” é mais do que uma simples composição musical; é um grito de esperança e resistência que ecoa nos corações das Margaridas e de todos que lutam por um Brasil mais justo. Ao analisar sua letra, compreendemos as aspirações e desafios enfrentados pelas trabalhadoras rurais, ao mesmo tempo em que celebramos sua determinação em promover mudanças positivas no país. É uma prova de que a música pode ser uma ferramenta poderosa na luta por justiça social e igualdade de gênero, e as Margaridas continuam a inspirar todas nós a trabalhar juntas por um futuro mais brilhante e florido.

Referências

ARTIGO DE PERIÓDICO:

AGUIAR, Vilenia Venâncio Porto. “Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas”. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 15, ed.esp., p. 261-298, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p261>. Acesso em 9/10/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 11/06/2024.

GOHN, Maria da Glória. “Vozes que gritam e vozes silenciadas na América Latina”. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 491–509, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.19476>. Acesso em 6/10/2023.

MALHEIROS, Tatiana dos Santos. “Pra não dizer que não falei das flores: relatos geográficos de uma profissional do magistério em tempos de pandemia”. *Ensaios de Geografia*, Niterói, RJ, v. 5, n. 9, p. 161-167, 29 maio 2020. Disponível em https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/42556. Acesso em 9/10/2023.

MOURA, Gabriela; C.; AMARAL, Maria Virgínia B.; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da. “Apesar de você”: memória, sentido e resistência. *Leitura*, Maceió, n. 69, p. 98–108, 2021. Disponível em <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9700>. Acesso em 9/10/2023.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. “O vazio da cidade e os afetos dos lugares em Poema sujo de Ferreira Gullar”. *Eletrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 903–913, 2018. DOI: 10.15448/1984-4301.2017.2.26411. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/26411>. Acesso em 6/10/2023.

SOUZA, Priscila; ALBUQUERQUE, Amanda de. *Agricultura Familiar Brasileira: Desigualdades no Acesso ao Crédito*. Rio de Janeiro: Climate Policy Initiative, PUC RIO, 6 nov. 2023. Disponível em <https://www.climatepolicyinitiative.org/pt-br/publication/agricultura-familiar-brasileira-desigualdades-no-acesso-ao-credito/>. Acesso em 20/07/2024.

TEIXEIRA, Marco Antonio. Movimentos sociais populares em tempos de ascensão das novas direitas: a Marcha das Margaridas. *Caderno CRH*, Salvador, n. 34, e021008, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.42777>. Acesso em 9/10/2023.

TEIXEIRA, Marco Antonio; MOTTA, Renata; RENNÓ, Lúcio; ZENTGRAF, Lea; GALINDO, Eryka. *Marcha das Margaridas 2019: alimentação, mobilização social e feminismos*. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy, 2021 (Food for Justice Working Paper Series, n. 2). Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=materias&idartigo=NDY=>. Acesso em 9/10/2023.

ZARZAR, Andrea Lorena Butto. *Movimentos sociais de mulheres rurais no Brasil: a construção do sujeito político*. 2017. 277 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25468/1/TESE%20Andrea%20Lorena%20Butto%20Zarzar.pdf>. Acesso em 16/6/2023.

LIVRO:

ALVES, Luciana Medeiros *et al.* *Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil*. Belo Horizonte: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018. Disponível em <https://ctazm.org.br/bibliotecas/livro-caderneta-agroecologica-e-os-quintais-268.pdf>. Acesso em 16/6/2023.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem. Tradução Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOOKS, Bell. *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*. Boston: South End Press, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. https://www.sergiofreire.pro.br/ad/PECHEUX_SED.pdf Acesso em 9/10/2023.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPÍTULO DE LIVRO:

BARBOSA, Anna Christina Freire; COSTA, Gláucia Rejane da. “Aprendendo a contar, aprendendo a mudar: a experiência da caderneta agroecológica como construção de novas subjetividades femininas”. In: COSTA, Edwaldo (Org.). *Ciências da comunicação: chave para a ascensão em organizações e relacionamentos*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. p. 95-109.

GULLAR, Ferreira. Poema sujo. In: GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 12. ed. Rio de Janeiro: JOSÉ Olympio, 2004. p.335.

JALIL, Laetícia; CARDOSO, Elisabeth; RODY, Thalita; OLIVEIRA, Jannah Bruna Miranda de. “As cadernetas agroecológicas e a construção do saber feminista”. In: RODY, Thalita; TELLES, Liliam (Orgs.). *Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas*. Viçosa, MG: Asa Pequena, 2021. p.14-28. Disponível em <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-o-saber-e-o-fazer-das-mulheres-do-campo-das-florestas-e-das-aguas-389.pdf>. Acesso em 06/10/2023.

MALERBA, Julianna. *Conflitos no Campo Brasil 2022: aumento da concentração fundiária, do desmatamento e da violência no campo evidencia as conexões entre as questões agrária e ambiental*. In: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Conflitos no Campo: Brasil 2022*. Goiânia: CPT Nacional; Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, 2023. p. 23-38.

NOBRE, Miriam. “Cadernetas Agroecológicas como metodologia da economia feminista”. In: RODY, Thalita; TELLES, Liliam (Orgs.). *Caderneta agroecológica: o saber e o fazer*

das mulheres do campo, das florestas e das águas. Viçosa, MG: Asa Pequena, 2021. p.30-46. Disponível em <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-o-saber-e-o-fazer-das-mulheres-do-campo-das-florestas-e-das-aguas-389.pdf>. Acesso em 06/10/2023.

PIMENTA, Sara Deolinda Cardoso. “Participação, poder e democracia: mulheres trabalhadoras no sindicalismo rural”. In: SILVA, Eduardo Moreira da; SOARES, Leonardo Barros (Orgs.). *Políticas Públicas e formas societárias de participação*. Belo Horizonte: FACHIF/UFMG, p. 155-180, 2013. Disponível em <http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wp-content/uploads/2015/02/Sara-Pimenta-Participacao-pode-e-democracia.pdf>. Acesso em 9/10/2023.

SILIPRANDI, Emma. “Prefácio”. In: RODY, Thalita; TELLES, Liliam (Orgs.). *Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas*. Viçosa, MG: Asa Pequena, 2021. p.6-8. Disponível em <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-o-saber-e-o-fazer-das-mulheres-do-campo-das-florestas-e-das-aguas-389.pdf>. Acesso em 06/10/2023.

DISSERTAÇÃO/ TESE:

AGUIAR, Vilenia Venâncio Porto. *Somos Todas Margaridas: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político*. 2015. 521 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Disponível em https://www.memoriaemovimentossociais.com.br/sites/default/files/publicacao/tese_somos_todas_margaridas_finalizada_03_de_agosto_de_2015_1.pdf. Acesso em 9/10/2023.

SITE:

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO (UNASP). 9 músicas para entender a ditadura militar no Brasil. *Blog do UNASP*, Engenheiro Coelho – SP, 19 fev. 2014. Disponível em <https://unasp.br/blog/9-musicas-para-entender-ditadura-militar/>. Acesso em 9/10/2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG). *Pautas: Marcha das Margaridas 2023*. Brasília, DF: Contag/Fetags/STTRs/CUT, 2023a. Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=materias&idartigo=MTUw>. Acesso em 6/10/2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG). *Caderno 1 - Apresentação e Lema – Marcha das Margaridas 2023*. Brasília, DF:

Contag/Fetags/STTRs/CUT, 2023b. Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=materias&idartigo=NzM=>. Acesso em 6/10/2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG). *Plataforma política Marcha das Margaridas 2019 - Plataforma Política da 6ª – Marcha das Margaridas 2019*. Brasília, DF: Contag/Fetags/STTRs/CUT, 2019. Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=materias&idartigo=NDc=>. Acesso em 6/10/2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG). *Coordenação e parceria. Marcha das Margaridas 2023*. Brasília, DF: Contag/Fetags/STTRs/CUT, 2023c. Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=coordenacao>. Acesso em 6/10/2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG). *7ª Marcha das Margaridas – Marcha das Margaridas 2023*. Brasília, DF: Contag/Fetags/STTRs/CUT, 2023c. Disponível em <https://www.marchadasmargaridas.org.br/>. Acesso em 6/10/2023.

GUARALDO, Maria Clara. *Mapa, Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais*. Brasília, DF: Embrapa, 2020. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais>. Acesso em 9/10/2023.

LOUCAS DE PEDRA LILÁS. “O Canto das Margaridas”. In: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS AGRICULTORES E AGRICULTORAS FAMILIARES (CONTAG). *Caderno de músicas. Marcha das Margaridas 2023. Margaridas em Marcha: pela reconstrução do Brasil e pelo bem viver*. Brasília: CONTAG; STTRs; FETAGs, 2023. p. 1. Disponível em <https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/17938-2235587-caderno-de-mu%CC%81sicas-2023-1.pdf>. Acesso em 6/10/2023.

TOAR. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2023. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/toar>. Acesso em 8/9/2023.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em 15/11/2024.

Aceito em 20/11/2024.